

INTERNACIONAL

Água quente do oceano avança para a Antártida e ameaça as geleiras

O estudo reuniu medições oceanográficas de longo prazo coletadas por navios e dispositivos flutuantes robóticos

Califórnia - A água quente profunda do oceano tem se deslocado em direção à Antártida e ameaça as plataformas de gelo que protegem o continente. É o que diz o estudo publicado na revista científica *Communications Earth & Environment* liderado pela Universidade de Cambridge em colaboração com a Universidade da Califórnia.

Uma massa de água quente se expandiu e deslocou em direção à Antártida nos últimos 20 anos. O estudo reuniu medições oceanográficas de longo prazo coletadas por navios e dispositivos flutuantes robóticos.

Tendência de aquecimento era prevista pelos modelos climáticos devido ao aquecimento global. Até então, porém, cientistas não

tinham observações oceanográficas suficientes para detectá-lo. Mais de 90% do excesso de calor causado pelo aquecimento global é armazenado no oceano, e o Oceano Austral absorve a maior parte desse calor de origem humana.

Risco principal é o derretimento das plataformas de gelo, o que pode acelerar a elevação do nível do mar. As plataformas de gelo desempenham um papel importante ao conter as grandes massas de gelo interior e as geleiras da Antártica, que juntas armazenam água doce suficiente para elevar o nível do mar em cerca de 58 metros.

No passado, as plataformas de gelo eram protegidas por um banho de água fria, que impedia o derretimento.

Agora parece que a circulação do oceano mudou, e é quase como se alguém tivesse aberto a torneira de água quente e o banho estivesse esquentando Sarah Purkey, professora do Instituto de Oceanografia Scripps e uma das autoras do estudo

Problema pode ser ainda maior, já que o aquecimento não implicaria apenas no derretimento do gelo e na elevação do nível do mar. "O Oceano Austral desempenha um papel fundamental na regulação do armazenamento global de calor e carbono. Por isso, mudanças na distribuição de calor nessa região têm implicações mais amplas para o sistema climático global", explica o professor Ali Mashayek, um dos autores sênior do estudo da Universidade de Cambridge.



Arquivo

O risco principal é o derretimento das plataformas de gelo, o que pode acelerar a elevação do nível do mar

Perda de florestas tropicais diminuiu em 2025 após recorde, mostra relatório

Brasília - A destruição das florestas tropicais do mundo diminuiu em 2025, mas continua em níveis preocupantes, segundo um relatório divulgado esta semana.

As regiões tropicais perderam no ano passado 4,3 milhões de hectares de mata virgem, uma área equivalente à da Dinamarca, segundo o Global Forest Watch, observatório do grupo americano World Resources Institute (WRI) e da Universidade de Maryland (EUA).

Isso representa uma queda de 36% em relação a 2024, quando a destruição dessas florestas, essenciais para a biodiversidade, o abastecimento de água e o armazenamento de carbono, atingiu um recorde, com o desaparecimento de 6,7 milhões de hectares.

"É encorajador, quando o problema parece enorme, que haja intervenções reais que funcionam e podemos ver isso nos dados", afirmou Elizabeth Goldman, codiretora do Global Forest Watch.

A desaceleração ocorre em parte devido aos esforços do Brasil para conter o desmatamento, conforme prometido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) quando assumiu o cargo em 2023.

Ainda assim, segundo Goldman, os países estão desmatando 70% a mais do que deveriam para cumprir o compromisso global assinado por quase todas as nações em 2023 de interromper e re-

verter a perda de florestas até 2030.

"Atingir essa meta nos próximos anos não será fácil", afirmou ela.

O equivalente a 11 campos de futebol de matas nativas desaparece no mundo a cada minuto, segundo o relatório. E as perdas de florestas tropicais continuam 46% mais altas do que há dez anos.

EXPANSÃO AGRÍCOLA

A expansão agrícola continuou a ser o maior fator de perda de florestas no mundo, impulsionada por commodities agrícolas em países como Brasil, Bolívia e Indonésia, e pela agricultura de subsistência em lugares como a República Democrática do Congo.

Uma política de longa data segue limitando a perda de florestas primárias na Malásia e na Indonésia, onde as plantações de óleo de palma historicamente pressionaram os biomas.

Mas a iniciativa do presidente Prabowo Subianto de expandir um programa de alimentos, que visa tornar o país autossuficiente, contribuiu para o aumento do desmatamento na Indonésia no ano passado.

Grupos ambientalistas alertaram que o fim de um acordo de todo o setor para impedir a compra de soja de fazendas recentemente desmatadas na floresta amazônica terá um impacto semelhante no Brasil nos próximos anos.

Pesquisadores recuperam mais de 40 páginas perdidas do Novo Testamento

Londres - Uma equipe de pesquisadores da Universidade de Glasgow recuperou 42 páginas perdidas de um dos manuscritos mais importantes do Novo Testamento.

As páginas pertencem ao Codex H, uma cópia em grego datada do século 6 das cartas atribuídas a São Paulo, um dos principais apóstolos de Cristo e autor de 13 cartas do Novo Testamento. A descoberta foi divulgada pela Universidade de Glasgow em seu site oficial.

O manuscrito, originalmente um volume completo, foi desmontado no século 13 no Mosteiro Great Lavra, no Monte Athos, na Grécia. Devido ao alto custo do pergaminho, suas páginas foram raspadas e reutilizadas pelos monges como material de encadernação e folhas de apoio para outros manuscritos. Com o tempo, as peças sobreviventes espalharam-se por bibliotecas na Itália, Grécia, Rússia, Ucrânia e França.

Para recuperar as páginas, a equipe liderada pelo professor Garrick Allen utilizou uma técnica avançada de imagem. Conhecida como "tecnologia de imagem multiespectral", ela é

capaz de detectar vestígios de tinta invisíveis a olho nu e recuperar "textos fantasmas" que não existem mais fisicamente.

"O avanço veio de um ponto de partida importante: sabíamos que, em algum momento, o manuscrito foi reescrito. Os componentes químicos da nova tinta causaram um dano de 'decalque' nas páginas opostas, criando essencialmente uma imagem espelhada do texto na folha contrária, às vezes deixando traços em várias páginas de profundidade, quase invisíveis a olho nu, mas muito claros com as mais recentes técnicas de imagem", disse o professor Garrick Allen, da Universidade de Glasgow.

O texto recuperado contém trechos conhecidos das Cartas de Paulo, mas oferece uma nova visão sobre como o Novo Testamento foi compreendido ao longo dos séculos. "Ela lança uma nova luz sobre as pessoas que produziram e utilizaram o manuscrito, a maneira como interagiam com seus textos sagrados e as formas como os livros eram reutilizados quando se degradavam", segundo o texto da universidade.